

*Meditação do dia*  
COMENTÁRIO SOBRE LC 24,15-35

Quarta-feira, 17/7

Lc 24, 25-27: *Então Ele disse-lhes: «Ó desprovidos de inteligência e lentos de coração para acreditar em tudo quanto disseram os Profetas! Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas, para entrar na sua glória?». E, começando a partir de Moisés e de todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, o que a Ele dizia respeito.*

### Comentário

Jesus convida os dois de Emaús para lerem com ele a sua história - aquela história que aparentemente terminou em fracasso, a cruz - num quadro mais amplo. Somos pequenos e as nossas vidas são curtas, mas há um infinito e um eterno que os contém e lhes dá um significado especial e indelével.

Jesus explica aos dois de Emaús que a derrota, a perda, o trauma e a morte são inevitáveis, mas que não destroem nada definitivamente. Infelizmente existem e temos de lidar com eles todos os dias, mas eles não têm a última palavra, a verdade das coisas não está neles.

Magoam-nos, derrubam-nos, prostram-nos, mas não podem destruir a promessa de amor, de luz, de verdade, de vida que Deus nos veio dar.

Há pessoas que preferem agarrar-se à sua dor em vez de correr o risco de ainda ter esperança.

Há momentos em que preferimos anestesiarmos o coração e não sentir mais nada, em vez de correr o risco de sermos novamente feridos pela vida.

Sonhámos com um amor, um casamento perfeito, um filho perfeito, um emprego gratificante, uma vida plena e a vida traiu-nos, o sonho partiu-se, rebentou como uma bolha de sabão.

Sonhámos com um mundo novo, muitos de nós sonhámos com isso e trabalhámos para a sua construção no estaleiro de obras do sonho da paz e da justiça - o sonho de Deus - mas tudo desmoronou e esse trabalho longo e cansativo parece-nos ter sido completamente inútil.

Então voltámos a cultivar o campo doméstico, fechámo-nos lá dentro, naquele recinto, sozinhos, e não queremos ver mais nada.

Os nossos olhos, por vezes, estão tão turvos pela tristeza que não reconhecemos Jesus, não ouvimos a sua voz, não O vemos nos nossos dias.

A vida oferece-nos sinais: gestos de amigos, palavras, encontros, pequenos factos que poderiam abrir fendas de luz, mas não os compreendemos, não queremos agarrá-los porque estamos comprometidos com a nossa dor, com a nossa tristeza, com o nosso ressentimento.

Jesus que explica as escrituras ao longo do caminho «é um chamamento ao despertar, é um arrancar das vendas dos olhos, uma demolição de inúteis dispositivos de protecção.

Ele teve que dizer aos discípulos que eram "desprovidos de inteligência" para os fazer ver.

E qual é o desafio? Ter confiança. Confiar no plano maior das coisas, ir além dos sofrimentos do momento, para os ver como parte de um processo de cura muito maior» (Nouwen).

«As coisas que se desmoronam são uma espécie de provação e também uma espécie de cura. Pensamos que o objetivo seja passar na prova ou superar o problema, mas a verdade é que as coisas não estão verdadeiramente resolvidas. Reúnem-se e depois desmoronam-se. Em seguida, reúnem-se novamente e de novo se desmoronam. É assim que funciona.

A cura vem quando é deixado espaço para que tudo isso aconteça: espaço para a dor, o alívio, o sofrimento, a alegria.

Quando há uma grande desilusão, não sabemos se esse será o fim da história. Pode ser também o início de uma grande aventura» (Chödrön).

A alegria dada pela fé adapta-se e transforma-se nas diferentes fases da vida. Mesmo nas dificuldades mais graves, «mas aos poucos é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta mas firme confiança.

Mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados» (Francisco, EG, 6).

Jesus faz isto por nós, faz-nos sentir amados. E quando nos sentimos amados, descobrimos quanta beleza está escondida numa vida de amoroso serviço aos outros. Jesus abre as janelas e nós respiramos ar puro.

A grande inteligência pedagógica de Jesus é ajudar-nos, com as suas interrogações e com a sua vida, que se realiza nas Escrituras, a abrir as janelas da nossa mente e submeter a constantes revisões o nosso modo de ver a vida e de reagir ao mundo. Por outras palavras, ensina-nos a verdadeira sabedoria.

Jesus é um mestre da existência. Jesus, "o mestre da escola da existência, não estava muito preocupado em corrigir comportamentos exteriores, mas em estimular as pessoas a pensar e expandir a sua compreensão dos horizontes da vida" (Cury).

Jesus explica a Palavra aos dois discípulos ao longo do caminho e ilumina os dois caminhantes, inicialmente confusos e agora atentos. E convida-os a lembrar, a recordar.

Os dois de Emaús são como nós, pessoas incertas, frágeis e com dúvidas, a quem Alguém acendeu o coração. E Jesus recorda-lhes isso.

N'Ele tinham encontrado amor, alguém que sabia amá-los como ninguém mais os poderia ter amado. E este Alguém não só os amou e fez com que se sentissem únicos, como também foi capaz de alargar os seus corações de uma maneira que eles nunca tinham experimentado.

Amando-os, tornou-os semelhantes a Ele, mais capazes de amar, mais livres para se libertarem, para saírem dos estreitos limites dos seus pequenos eus.

Lá fora, tinham experimentado uma liberdade desconhecida, respirado uma beleza espantosa, vivido uma alegria inebriante.

As suas vidas tinham sido alimentadas, os seus corações cheios daquela paz de Deus que permanece mesmo no meio dos espinhos da vida.

Atrás dos passos de Jesus nas estradas e nos caminhos da Palestina, os discípulos e as discípulas sentiram-se livres das amarras do medo. Com as suas palavras e gestos, Jesus contagiou-os de amor

por tudo o que vive neste mundo, até pelo que lhes parecia repugnante, os doentes, os rejeitados, os desordeiros, os moribundos.

E fez que fossem como crianças, ensinou-os a apreciar a beleza de uma flor, o voo de um pássaro. Aprenderam com ele a alegria das coisas simples, a sentir prazer num gole de vinho e num pedaço de pão e a sentir que não precisavam de mais nada.

E quando não havia pão, alguns grãos crus de uma espiga de trigo - recolhidos de um campo e comidos sorrindo com ele e com os seus amigos - também eram suficientes para poder dizer: Aqui já está tudo, não preciso de mais nada; mesmo que morresse agora, ficaria feliz porque nesta liberdade, nesta fraternidade, neste dar e receber amor, nesta alegria de estarmos juntos no pouco, é esta a plenitude da vida, e eu experimentei-a.

Jesus pede aos dois a caminho de Emaús que olhem para a dura realidade da cruz com um novo olhar. Ao morrer dessa morte, mostrou-lhes um caminho: o caminho da doação, do amor prestativo que ajuda todos na sua plena realização.

Quanto necessitamos destas palavras do Evangelho todos os dias, diante das nossas pequenas e grandes perdas e lutos, diante das grandes derrotas sociais e políticas: guerras - barbárie desumana a banir da face da terra, que, ao invés, ainda são usadas para resolver conflitos -; a opressão dos mais fracos, o egoísmo de massa que procura privilégios e descarta as pessoas como se fossem desperdício...

Hoje, o mundo parece para muitos ser um mundo à deriva, um navio que em breve encalhará e naufragará.

Demasiado ódio, demasiadas injustiças, demasiada violência, demasiada vergonhosa disparidade entre os gordos anfitriões e os macilentos Lázarus dos povos, demasiadas mortes inocentes nos nossos mares, nos desertos, demasiada fúria na terra, na mãe terra que nos alimenta...

Há hoje o suficiente para todos nos sintamos como aqueles dois de Emaús.

Os meus estudantes jovens perguntam-me, com caras tristes: já não há futuro? E estremeço ao ouvir jovens de vinte anos dizerem isto e penso em Jesus: sim, há futuro!

O futuro é ele, a sua promessa!

Na Eucaristia, a liturgia da Palavra é-nos oferecida como dom, para que a nossa memória seja «transbordante das maravilhas de Deus» (Francisco, EG 142).

O que as Escrituras dizem fala-nos intimamente, tem a ver com a nossa vida de uma forma muito profunda. Em tudo o que vivemos, Jesus está connosco, pelo que também a nossa vida quotidiana é história sagrada.

Fazemos parte do grande rio da história sagrada, o mesmo rio em que navegaram as vidas de Moisés e dos profetas, de Maria e de José.

As nossas histórias são histórias sagradas: as histórias de Deus que caminha connosco.

Se pararmos para pensar, sentimos um grande espanto:

*Somos uma página da história sagrada, as Escrituras estão vivas, cumprem-se hoje nas nossas vidas.*

Tentem também vocês de dizer comigo, todos juntos: *eu sou uma página da história sagrada*, Deus escreve-a através de nós, os seus instrumentos.

Jesus vive e «isso é uma garantia de que o bem pode triunfar na nossa vida e de que as nossas fadigas servirão para qualquer coisa. Então podemos deixar de nos lamentar e podemos olhar em frente, porque com Ele é possível sempre olhar em frente. Esta é a certeza que temos» (Francisco, CV 127).

"O mal não tem a última palavra" (Francisco, CV 126).

É Jesus quem no-lo ensina. Ele mesmo viveu em primeira mão a dor, o medo, o sentimento de abandono na noite no Getsémani e na cruz. Ela chorou lágrimas e seu sangue.

Mas «quando a última folha de inverno caiu, quando tudo parecia perdido e só havia espaço para lágrimas e desespero, Cristo levantou os olhos e viu as flores da primavera escondidas entre os ramos secos da vida.

Ao contrário de Cristo, abandonamos os nossos objetivos, os planos e os sonhos aos primeiros sinais de dificuldade. Devemos aprender com ele a olhar para cima, a olhar para além das dificuldades, dos sofrimentos, das derrotas, das perdas, e compreender que os invernos mais rigorosos podem ser um prelúdio para primaveras mais radiantes" (Cury).

Para além do visível, para além dos factos da minha vida e das notícias que nos dão os telejornais, há um outro acontecer dentro do real e é muito mais profundo. Uma filigrana de luz sob a trama dos meus dias e da história da humanidade.

«Recordo-te a boa notícia que nos deu a manhã da Ressurreição, ou seja, que, em todas as situações escuras ou dolorosas mencionadas, há uma via de saída» (Francisco, CV, 104).

E cada vez que nos sentirmos abatidos, desiludidos, recordemo-nos de que Deus é amor, repetamos "a primeira verdade: «*Deus ama-te*». Mesmo que já o tenhas ouvido - não importa! -, quero recordar-to: Deus ama-te. Nunca duvides disto na tua vida, aconteça o que acontecer. Em toda e qualquer circunstância, és infinitamente amado» (Francisco, CV, 112).

